

Nas Curvas da Cordilheira

2022 © André Comim | Memorabilia

Título: Nas Curvas da Cordilheira — Uma Viagem de Moto ao Atacama

Autor: André Comim

Organização e supervisão editorial: Márcio Grings

Preparo de diagramação: Ana Paula Almeida

Projeto gráfico de capa e miolo: Giovanni Faganello

Revisão de estilo: Márcio Grings e Giovanni Faganello

Revisão: Janaína da Silva Sá

Fotografia do autor: Isabel Leal

Fotografia da capa: Kurt Cotoaga (*unsplash.com*)

Fotografias da viagem: acervo pessoal do autor, Joelma Xavier,

Vinicius Henrique Photography (páginas 104, 105, 116, 117, 132, 133, 178 e 179),

David Vives (páginas 156 e 157) e Josefina di Battista (salar, página 208)

Grafismos e ilustrações: Macrovector, Rawpixel, Gohsantosa2 (*freepik.com*)

1ª Edição: março, 2022

Impressão e acabamento: Gráfica Pallotti, Santa Maria, RS

Editoração: Memorabilia Books (*memorabiliastore.com.br*)

Nas Curvas da Cordilheira

Uma Viagem de Moto ao Atacama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nas Curvas da Cordilheira : uma viagem de moto ao Atacama / André Comim.
-- 1. ed. -- Santa Maria, RS : Grings - Memorabilia e Tours, 2022.

ISBN 978-65-993645-9-4

1. Atacama (Chile) - Descrição e viagens
2. Relatos de viagens 3. Viagem de motocicleta
I. Comim, André.

22-102038

CDD-796.7

Índices para catálogo sistemático:

1. Motocicletas : Viagens : Narrativas pessoais 796.7
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos autorais pertencem a André Comim. Este livro não poderá ser copiado de nenhuma forma, maneira ou método, impresso ou eletrônico, em sua parte ou em seu todo, sob quaisquer pretextos, sem a autorização legal e por escrito do autor.

Autor: andreaqcomim@gmail.com

Editor: gringsmarcio@gmail.com

Acervo: memorabiliastore.com.br



André Comim



“O que consegui registrar nessas linhas é apenas uma ínfima parte de uma viagem emocionante e do que vivi em 13 dias na estrada.

Foram muitas experiências no caminho, na moto, com as pessoas que surgiram inesperadamente e nas situações que foram acontecendo de uma maneira muitas vezes incrível.”

— André Comim

Deserto do Atacama, Cordilheira do Andes, Argentina

André Comim



Nas Curvas da Cordilheira

Uma Viagem de Moto ao Atacama

Apresentação Desconfiávamos que o Mundo Fosse Grande	9
Agradecimentos Um Ser que Faz Parte de um Todo	13
Uma Mera Observação, Embora Necessária Todo Homem, Toda Mulher é Uma Estrela	17
As Primeiras Viagens É Como se Sentir Fazendo Parte da Estrada	21
O Que Penso Ser a Minha Realidade Um Preço Muito Caro a se Pagar	39
Os Preparativos Pegando uma das Estradas dos Meus Sonhos	49

57	22/01/2020 – 1º Dia de Viagem Muita Expectativa e um Pouco de Ansiedade
69	23/01/2020 – 2º Dia de Viagem Agora em Grupo
83	24/01/2020 – 3º Dia de Viagem Um Dia de Descanso para o Corpo e as Motos
91	25/01/2020 – 4º Dia de Viagem A Cordilheira, a Altitude e uma Ilustre Desconhecida
107	26/01/2020 – 5º Dia de Viagem Frio Intenso e Belezas Indescritíveis
119	27/01/2020 – 6º Dia de Viagem Sarah, Eu e o Poder do Atacama
135	28/01/2020 – 7º Dia de Viagem Estrada Interditada
143	29/01/2020 – 8º Dia de Viagem La Mano del Desierto e o Oceano Pacífico
151	30/01/2020 – 9º Dia de Viagem Sem Tocar nas Águas do Pacífico
159	31/01/2020 – 10º Dia de Viagem Minhas Mãos Começaram a Congelar
167	01/02/2020 – 11º Dia de Viagem Paisagem Bonita sem Montanha
171	02/02/2020 – 12º Dia de Viagem Novamente Viajando Só
181	03/02/2020 – 13º Dia de Viagem Retorno ao Brasil e ao Lar
193	Imagens em Cor Registros Fotográficos
198	13 Dias na Estrada Sumário da Viagem



No decorrer do texto será apresentada uma **trilha sonora**, sempre indicada pelo caractere 🎵.

As **obras musicais** citadas têm relação direta com algum fato específico àquele momento da narração.

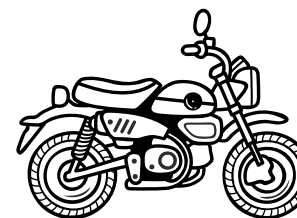
Boa jornada!



Ouçã a trilha-sonora completa do livro.

Apresentação

Desconfiávamos que o Mundo Fosse Grande



Esta é uma narrativa movida pelo espírito da aventura, pela busca do conhecimento de si e do mundo que o cerca. Conheci o escritor por volta dos meus 11 anos, e nós, ainda nas turbulências da infância, desconfiávamos de que o mundo fosse grande, mas não de proporções imensuráveis. Desde sempre tentei compreender o amigo André pelo gosto das coisas inusitadas, talvez porque até ali o mundo era muito pouco compreensível para nós.

E fomos crescendo, nos separando, nos reencontrando e tenho tudo muito nítido em minha memória de como se dedicava em sua busca exasperada pelas coisas do mundo que foram se materializando na paixão pela música, pela leitura, pelos comportamentos sociais,



pelos seres humanos, pela natureza e espiritualidade. Houve um tempo em que, em se tratando dos comportamentos, ele preferia burlá-los.

Um exemplo disso foi o fato de muito tempo afastada do amigo, no final dos anos 80, encontrei-o totalmente “punk”. Achei muito estranho ele vestindo roupas pretas de cima a baixo e coturnos em um dia escaldante de sol. No nosso ônibus lotado, como era de costume, ele sentou bem próximo e me disse que fazia um tempo que decidira por usar aquelas roupas, mas me confessou que estava pensando em largar a causa punk, porque sentia falta de tomar banho todos os dias.

Quem conhece esse cara de vasta cabeleira prateada sabe que por onde ele passa irradia o seu rastro de luz[♪], que muitas vezes nos ilumina chamando atenção para um clássico, como nas leituras de Dom Quixote, ou de Castañeda, podendo enveredar para a musicalidade *sui generis* de Frank Zappa até Violeta Parra. Na adolescência quem menos que ele me apresentaria Janis Joplin, Led Zeppelin, e outras extravagâncias musicais que fariam parte da matéria de que somos compostos hoje.

Então, apresento-vos um amigo que concebeu um livro de suas aventuras como motoqueiro, uma faceta que há pouco venho verificando nesta pessoa ímpar. Acredito que este momento



seja ainda de incansável busca pela tradução da vida e do mundo, pois há tempos ele vem experimentando, saboreando e deglutindo o que há nele, nos seres humanos, na natureza, procurando ainda aquilo que não sabemos ou que talvez faça parte da nossa própria salutar transmutação.

Espero que esta experiência ao Atacama sirva para outras investidas, para além das estradas, para além das pessoas e lugares que ali se fizeram significativos e hoje delineiam a singularidade que te compõe da qual eu me incluo e não quero me separar nunca.

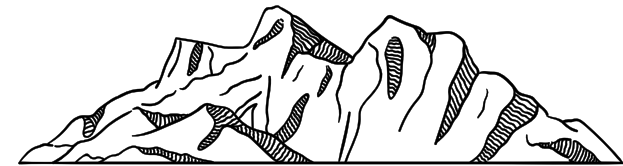
Abraço da amiga de sempre,
Janaína da Silva Sá,
janeiro de 2022.



Quem conhece esse cara de vasta cabeleira prateada sabe que por onde ele passa irradia o seu rastro de luz (...)

Agradecimentos

Um Ser que Faz Parte de um Todo



A credito que agradecer é um dos gestos mais nobres que alguém possa demonstrar, hoje mais do que nunca tenho clareza disso e penso que manifestar minha gratidão contribui diretamente para meu aperfeiçoamento necessário como Ser que faz parte de um Todo, recebendo e emanando energia em todos os sentidos possíveis, afinal, penso que tudo está ligado, em total conexão sempre.

No decorrer destes meus escritos procurei expressar esta prática em vários momentos, talvez até de uma maneira um pouco repetitiva, muitas vezes me dirigindo ao universo, a possibilidade do que estava acontecendo, a pessoas que me deram alguma informação pelo caminho ou apenas um simples sorriso ou



aceno com a mão enquanto passava em cima da moto, ou ainda a alguma outra coisa qualquer que não sei ao certo o que é, mas que tenha contribuído para a realização de algo inusitado em minha existência. Reafirmo assim que, realmente, sou muito grato por tudo isso e por muito mais.

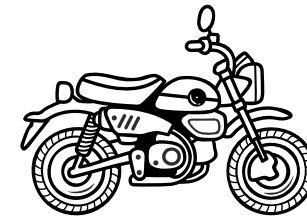
Desta mesma forma quero fazer um agradecimento especial a algumas pessoas que tiveram papel fundamental nessa aventura, antes mesmo dela acontecer, e àquelas que surgiram inesperadamente pela estrada e que ficarão para sempre guardadas em meu coração.

Este livro é dedicado especialmente à Luiz Pereira, Adriana Avanci de Souza, Joelma Teixeira de Souza Xavier (Jô), João Luiz Teixeira Xavier, Sarah, Cláudio Uglione e minhas filhas Runin Ramos Comim e Sarah Ramos Comim. E obviamente a meus pais, responsáveis diretos por eu estar aqui nesta forma, Anilda Grohe Comim e Vitório Alves Comim.



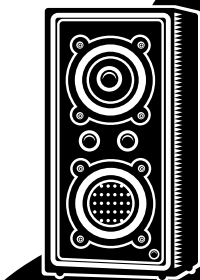
Uma mera observação, embora necessária

Todo Homem, Toda Mulher, é Uma Estrela



Considero conveniente informar para quem for ler este livro que todos os fatos aqui narrados, as viagens, expectativas e acontecimentos, na estrada ou fora dela, realmente aconteceram como estão descritos ou muito parecidos com a forma como foram expostos. Desta maneira este trabalho não é exatamente uma obra de ficção no sentido mais convencional do termo.

Os registros que se seguem são uma tentativa de descrever alguns acontecimentos que vivenciei, sozinho ou na companhia de mais pessoas[♪] em períodos de tempo específicos.



(...) alguns acontecimentos que vivenciei, sozinho ou na companhia de mais pessoas (...)

♪ Raul Seixas
Sociedade Alternativa



Saliento que todo registro escrito esbarra nas limitações próprias da linguagem escrita e, especificamente no meu caso, nas fontes de informação disponíveis. Tais fontes são anotações e rascunhos que tenho desta viagem mais recente ao Atacama e de alguns registros de acontecimentos em minha vida sobre fatos que julgo importante no sentido de colaborar ao melhor entendimento deste trabalho. Embora muitos desses registros já não existam mais, ainda conservo boa parte deles, ou engavetados no original escritos à mão ou digitalizados em meu notebook.

Algumas anotações sequer cheguei a reler depois de escritas, e talvez nunca o faça, porém, outras já me foram úteis em uma ou outra ocasião, como para tirar alguma dúvida quanto a datas ou para buscar outra informação qualquer ou ainda apenas para reviver melhor uma lembrança. Além disso, alguns desses escritos já foram reaproveitados e viraram música.

Outra fonte de informação de que me vali, até mais do que as anotações foram minhas recordações. Porém, estou ciente que, embora me considere uma pessoa de memória muito boa, como todo o ser humano tenho falhas e esquecimentos, além, é claro, de correr o risco de confundir informações mais antigas acreditando estarem corretas, como datas, nomes e eventos, fato este já estudado e explicado por algumas ciências como antropologia e psicologia, entre outras.



Quero esclarecer por último que todas as pessoas mencionadas nesta obra são citadas com seus nomes verdadeiros ou através de apelidos, pois sempre que possível preferi usar o nome como a pessoa carinhosamente é chamada em seu meio.

*“...Se eu quero e você quer
Tomar banho de chapéu
Ou esperar Papai Noel
Ou discutir Carlos Gardel
Então vá!*

*Faça o que tu queres pois é tudo da lei
Da lei.*

*Viva! Viva!
Viva a sociedade alternativa!
(Faz o que tu queres, há de ser tudo da lei)
Viva! Viva!
Viva a sociedade alternativa!
(Todo homem, toda mulher, é uma estrela)
Viva! Viva!”*

Sociedade Alternativa,
Raul Seixas e Paulo Coelho,
julho de 1974.

As Primeiras Viagens

É Como se Sentir Fazendo Parte da Estrada



Minha primeira experiência com moto na estrada foi num passeio que fiz na companhia de minha primeira companheira, Íris Mendes. Nessa ocasião saímos de Santa Maria e fomos passar o dia no Balneário Passo das Tunas no interior de Restinga Seca. A distância de Santa Maria até o Balneário fica em torno de 80 km. Naquele momento tínhamos uma Yamaha RX 125cc¹, nossa primeira moto, diga-se de passagem, um péssimo modelo para viajar, mesmo em distâncias curtas como esta. Se em uma situação normal esse tipo de moto já é bastante desaconselhável para se pegar a estrada, o protótipo que possuíamos era pior ainda. A RX é um

1 Cilindradas.



veículo feito para se andar na cidade, possui motor dois tempos, que usa gasolina e óleo como combustível. É o tipo de motocicleta que larga bastante fumaça pelo cano de descarga a medida que vai consumindo o óleo combustível, seu constante cheiro característico de óleo fica impregnado por onde passa e principalmente em quem está andando na moto, esse é apenas um dos problemas. As máquinas dois tempos são famosas por terem uma arrancada rápida, já que são muito leves, mas não tem muita força, ideais para trajetos curtos, embora alguns modelos sejam ótimos para algumas competições. Outra característica de nossa fumacenta era não ser nada confortável e de estar com a suspensão em péssimo estado, somado a isso acrescento que só tinha freio na roda traseira e que nenhum de nós éramos muito experientes em duas rodas, nem na cidade e muito menos na estrada, embora ambos fôssemos habilitados e corajosos.

Para esse trajeto pegamos a BR 287 e depois entramos na RS 149, alguns quilômetros antes de chegar em Restinga Seca. Esta segunda rodovia é uma estrada secundária, que felizmente é asfaltada também, mas que na maior parte do percurso tem a pista bem estreita, com pouco ou nenhum acostamento e cheia de curvas, algumas delas bem acentuadas. Desta forma o que já era perigoso ficou ainda pior[♫]. Felizmente depois de alguns sustos e quase sair da pista

Desta forma o que já era perigoso ficou ainda pior.

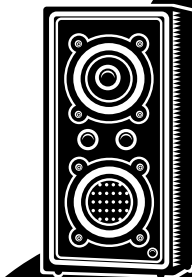
♫ Led Zeppelin
Good Times,
Bad Times



numa das curvas chegamos ao Balneário, estacionamos e fomos verificar o combustível, estava abaixo da metade do tanque, assim descobrimos que havia outro problema: o motor estava consumindo bem mais combustível do que o normal, mas para nossa sorte havia um posto de combustível próximo da cidade e assim sobrevivemos a experiência, que foi muito boa. Algum tempo depois me separei da motocicleta e da companheira.

Minha segunda viagem em duas rodas aconteceu alguns anos depois, dessa vez posso dizer que realmente foi uma viagem. Eu e Cassia Ramos, minha companheira naquele momento e futura mãe de minhas filhas, tínhamos uma Honda XL 250cc, ela era ótima, embora fosse relativamente velha.

Nessa época eu já trabalhava no Hospital Universitário de Santa Maria (HUSM) e tinha um mês de férias. Faziam alguns meses que tínhamos comprado a moto de nosso compadre Edgar Sleifer e logo que negociamos eu já comecei a pensar em pegar a estrada. Consultei Leandro Worm, meu futuro mecânico e ele a aprovou. Não tínhamos experiência neste tipo de viagens, mas tínhamos uma enorme expectativa, plena juventude e um pouco de dinheiro[♫]. O ano era 1996, saliento isso por ser um pe-



(...)
mas
tínhamos
uma enorme
expectativa,
plena juventude
e um pouco
de dinheiro.

♫ Paco de Lucia
Entre Dos
Aguas



ríodo que não havia celular em nossas vidas, o que facilitaria as coisas, mas eu já havia feitos várias viagens de carona pelo estado e ido e voltado também de carona até Camboriú, o que me deixava mais tranquilo para se locomover. Por não termos muito dinheiro traçamos mais ou menos uma rota ligando as cidades onde tínhamos conhecidos, assim diminuiríamos os gastos com estadia. Para economizarmos e podermos ficar mais tempo viajando levamos uma barraca, um colchonete enrolado numa lona e material para acampar. A maior parte dos utensílios para acampamento e cozinha foi colocado com nossas roupas dentro de uma mochila grande que o Ed nos emprestou logo depois de nos vender a moto, pois não tínhamos nem baú na moto naquele momento. Para fixar a mochila e a barraca amarrei uma tábua no bagageiro, mas ainda faltava o colchonete enrolado na lona. O jeito foi levá-lo atado no guidom mesmo, dessa forma agora tínhamos uma espécie de bolha² na moto, o que ajudou bastante contra o vento e o frio.

Em nosso primeiro dia de viagem fomos até Don Pedrito, cidade que fica próximo a fronteira com o Uruguai, pois lá moravam Pykeno³ e Carminha⁴, pessoas muito queridas que eu já conhecia há bastante tempo. Pykeno

² Para-brisa para motos, normalmente fixado no guidom. Algumas motos já vêm com este item de fábrica.

³ J. Daniel Bittencourt.

⁴ Carmen Leon.



Cássia e André, Santa Maria, RS, Brasil.

havia sido meu cunhado numa outra combinação de fatores, mas essa ligação social já havia passado, o que restou foi nossa amizade. Eu também tinha uma afinidade muito grande com Carminha, de modo que me sentia totalmente à vontade na presença deles.

Em Don Pedrito ficamos alguns dias e nesse meio tempo fomos conhecer Santana do Livramento e Rivera, cidades vizinhas na fronteira do Brasil com o Uruguai.

Foi nessa ocasião que saí do Brasil pela primei-



ra vez, mesmo sendo por algumas horas e por poucas quadras onde caminhamos. Voltamos à tarde para Don Pedrito e no outro dia saímos em direção a Porto Alegre. Era um dia bastante frio e não tínhamos roupas específicas para viajar de moto nessas circunstâncias, desta forma parávamos muitas vezes para nos aquecer, retardando o deslocamento, mas curtindo a viagem, enquanto o dia ia passando. Já próximo do final da tarde paramos em uma farmácia em Pântano Grande, pois eu estava com muita dor de cabeça e precisava de um analgésico, em nossa inexperiência de viagens nem uma medicação levávamos. Achamos melhor passar a noite naquela cidade mesmo. Falamos com a dona da farmácia sobre um lugar para acampar e ela nos informou que estava construindo um prédio próximo à rodovia e que poderíamos acampar lá. Subimos na moto e fomos para o prédio. Já se aproximava da noite, estacionei ao lado da construção onde a XL não pudesse ser vista da rodovia, apenas para eu ficar mais tranquilo. Descarregamos a bagagem e improvisamos um acampamento no andar térreo em uma peça que não pegasse tanto vento, pois sabia que a noite seria bastante fria, embora estivéssemos protegidos, pelo menos em partes. Improvisei nossa lona e umas tábuas como porta para barrar um pouco o vento Minuano que entrava por um dos vãos, pois uma das coisas que mais nos atormentou foi o frio. Tenho que salientar que este é um



vento gelado e um dos mais medonhos que sopram no inverno gaúcho⁵. Aproveitamos nosso micro fogareiro e, improvisando um fogão com alguns tijolos, montei um acampamento e preparamos o jantar ali mesmo, pois um dos pedidos da dona do prédio foi que não fizessemos fogo dentro da obra.

Para garantir melhor meu sono, saboreei um pouco de tequila que havíamos comprado em Rivera. Lá aproveitamos os preços mais amenos da fronteira e compramos tequila, uísque e pisco, naquela época estes eram gêneros de primeira necessidade para nós. Um inconveniente que lembro é que passei a noite dormindo e acordando várias vezes por causa do barulho de um desgraçado de um cusco⁶ de uma casa ao lado, este “abençoado” animal passou a noite toda latindo. Felizmente consegui descansar um pouco e no outro dia saímos no meio da manhã chegando em poucas horas a Porto Alegre, onde tínhamos hospedagem.

Foi um pouco difícil de encontrar o endereço no trânsito intenso da capital, já próximo ao meio-dia. Foram muitas paradas para pedir informação e algumas manobras em ruas que entramos de forma errada, mas conseguimos chegar onde pretendíamos naquele dia. Em Porto Alegre morava um pessoal vindo de Alegrete

⁵ Termo usado para definir pessoas, situações, objetos, culturas, artes, hábitos, peculiaridades ou coisas naturais do Rio Grande do Sul.

⁶ Cachorro no linguajar gaúcho.